

# A PRESENÇA DA OBRA DE ROGÉRIO DE AZEVEDO NA FOTOGRAFIA DE TEÓFILO REGO<sup>1</sup>

Jorge Cunha Pimentel

Quando em 1953 Carlos Ramos, já como Director da Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP), organiza uma exposição de homenagem a Marques da Silva<sup>2</sup>, lutava por tornar a escola num centro de irradiação artística, procurava a exposição pública do curso de arquitectura, a valorização das múltiplas facetas da formação do arquitecto como artista e técnico e a fixação de uma genealogia da Escola que estabelecesse uma filiação entre diversas gerações, tanto pedagógica como arquitectónica.

Tal exposição conjunta das principais obras do Mestre e de 30 dos seus discípulos realizou-se em Dezembro de 1953. No discurso de inauguração da exposição Carlos Ramos elogiou a acção do arquitecto, profissão em que conciliou o artista e o construtor, e do pedagogo como exemplo de dedicação à arquitectura. Nela foram expostas 286 peças constituídas por desenhos arquitectónicos, maquetes, aguarelas e 120 ampliações fotográficas da obra edificada de Marques da Silva e dos seus discípulos. Coube ao fotógrafo portuense Teófilo Rego (1914-1993) o trabalho de fotografar, ampliar e imprimir as provas fotográficas para a exposição.

O arquitecto Rogério de Azevedo, tirocinante e colaborador no ateliê de Marques da Silva, de 1917 a 1926, e professor da 8ª cadeira – Desenho arquitectónico, construção e salubridade das edificações – do Curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto desde 1940, fez-se representar com o modelo do Conjunto de Habitações de Casas Económicas junto ao Campo 24 de Agosto, no Porto, de 1941 – projecto nunca construído –, e oito fotografias de edifícios que projectou entre 1927 e 1941.

Um conjunto de obras expressivamente representativo das linguagens que trabalhou durante um percurso de intensa actividade projectual, sozinho ou em colaborações com o arquitecto Baltazar de Castro ou com o arquitecto Januário Godinho, desde o final dos anos 20 até meados da década de 40, e onde a variedade de programas está bem patente.

Nove obras que retratam um percurso profissional feito tanto de encomendas privadas como de obras públicas e que vai do modernismo – onde se incluem as Artes Decorativas – à procura de uma linguagem regionalista ou mesmo à apropriação de uma linguagem próxima da arquitectura italiana<sup>3</sup>, em que a diversidade de programas e estilos foi uma constante, aspecto que também marcou a produção arquitectónica no Porto entre 1925 e 1935, e onde

1. Este trabalho é co-financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia I.P. (PIDDAC) e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional – FEDER, através do COMPETE – Programa Operacional Fatores de Competitividade (POFC), no âmbito do projecto PTDC/ATP-AQI/4805/2012 (“Fotografia, Arquitectura Moderna e a «Escola do Porto»: Interpretações em torno do Arquivo Teófilo Rego”).

2. Uma exposição à imagem das exposições Magnas onde se relacionam os trabalhos dos professores e dos discípulos. *Marques da Silva. Exposição conjunta das principais obras do Mestre e de alguns dos seus discípulos. Homenagem promovida pela Escola Superior de Belas do Porto com a colaboração da Sociedade Nacional de Belas Artes e do Sindicato Nacional dos Arquitectos*. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, Dezembro de 1953.

3. Afinidades com propostas como as que Piacentini e Muzio terão deixado no Porto e com as quais terá tido contacto enquanto arquitecto na Direcção dos Monumentos do Norte. Veja-se a este propósito Jorge Cunha Pimentel – *Obra Pública de Rogério de Azevedo. Os anos do SPN/SNI e da DGEMN*. Universidad de Valladolid, 2014, pp. 61-76.



Figura 1. Teófilo Rego. Edifício do Jornal *O Comércio do Porto*, c. 1953. Arquivo Teófilo Rego, Museu Casa da Imagem - Fundação Manuel Leão. PT-FML-TR-COM-459-001.

conciliou desejo criativo e ofício. Um percurso feito também quer de uma atemporalidade, que julgava encontrar no património edificado da nação<sup>4</sup>, quer de uma vontade de renovação e conciliação entre modernidade e tradição<sup>5</sup> que se vai reflectir, entre outros, nos projectos das Escolas-Tipo Regionalizadas de 1933-35 e nas Pousadas Regionais do Secretariado Nacional de Informação (SNI) de 1939-40.

É de notar que para a exposição Rogério de Azevedo não fez constar qualquer projecto de habitação unifamiliar ou das inúmeras escolas primárias que realizou na década de 30.

Dos quatro negativos da exposição na ESBAP, encontrados no Arquivo Teófilo Rego, não consta nenhum vista da secção da mostra relativa às obras de Rogério de Azevedo que nos pudesse orientar.

Dos negativos e provas em papel de obras de Rogério de Azevedo hoje existentes no Arquivo Teófilo Rego, conservado na Casa da Imagem – Fundação Manuel Leão, provavelmente nenhum corresponde às fotografias que estiveram patentes na exposição.

Ao contrário dos negativos de fotografias do Edifício do Jornal *O Comércio do Porto* existentes no Arquivo, revelando um enquadramento mais aberto, uma perspectiva ligeiramente baixa, um céu completamente limpo e uma luz algo difusa, a impressão então exposta, hoje na colecção do Instituto Arquitecto Marques da Silva, revela um (re)enquadramento centrado no edifício do jornal, eliminando os edifícios adjacentes e dando ênfase à entrada principal, ao corpo torreado e ao alçado na Av. dos Aliados. O céu, muito

4. Sobre esta questão e a ideia de estilo em Rogério de Azevedo consultar Jorge Cunha Pimentel – *Obras Públicas de Rogério de Azevedo...*, pp. 37-38; Rogério de Azevedo – “A Arquitectura no Plano Social”, in *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social (3ª série)*. Porto: Imprensa Social, 1936.

5. A tradição é uma herança que veio até nós e reclama acrescentamento para os que hão-de vir”. Rogério de Azevedo – “Mestre Marques da Silva”, in *O Tripeiro*, VI Série, Ano IX, n.º 11, Novembro de 1969, p. 343.

Figura 2. Teófilo Rego. A Praça D. João I, segundo o projecto do grupo A.R.S. arquitectos, já com as estátuas em bronze da autoria de João Fragoso colocadas. Foto posterior a 1957. Arquivo Teófilo Rego, Museu Casa da Imagem - Fundação Manuel Leão. PT-FML-TR-PES-16-066.



provavelmente trabalhado, dramatiza a imagem enquanto a luz modela de forma clarificadora toda a riqueza formal da composição dos alçados.

De igual modo a fotografia da Garagem de *O Comércio do Porto*, também na colecção do Instituto Arquitecto Marques da Silva, ao assumir um ponto de vista a meia altura, provavelmente realizado a partir de uma janela do Hotel Infante de Sagres, põe em evidência as fachadas funcionalistas de escritório articuladas por uma torre cilíndrica coincidente com a esquina, destacando a articulação dos volumes exteriores e o jogo que o edifício estabelece com o desnível da rua.

Ambas são fotos com pouco chão mas com presença humana, com o movimento da rua. Estão mais próximas do instantâneo que da foto de composição calculada e limpa.

O mesmo se pode dizer do negativo e da prova em papel realizados em épocas diferentes por Teófilo Rego ao Edifício Maurício Rialto, no Porto, construído a nascente da Av. dos Aliados, no lado sul do que virá a ser a Praça D. João I. Um edifício inovador à época quer pela sua concepção em altura, chegando mesmo a ser designado por arranha-céus, quer pela relação que estabelece ao nível da rua com o espaço público, apresenta uma área comercial parcialmente coberta por uma ampla estrutura porticada. Fotografado sistematicamente a partir da Rua de Sá da Bandeira, os trabalhos de Teófilo Rego aproximam-se muito da perspectiva e do ponto de vista assumido por Rogério de Azevedo no desenho da 2ª versão do projecto, de 1941, anterior aos projectos da Praça e do Palácio Atlântico (A.R.S. arquitectos, 1944) a

norte. Curiosamente o desenho de Rogério de Azevedo já trazia para a imagem o movimento na rua no espaço de uma praça que ainda não estava definido, contribuindo assim para criar profundidade de campo.

Apesar de menos centrada no edifício, vamos encontrar o mesmo tipo de preocupações de enquadramento e de composição visual na disposição das massas, aqui verdadeiramente quase mimético do desenho de Rogério de Azevedo, na fotografia do Edifício Maurício Rialto e da Praça D. João I realizada pela *Fotografia Beleza*<sup>6</sup>, anterior a 1957.

O espaço público e a sua vivência, a estatuária, a arquitectura, a luz e a iluminação artificial da cidade do Porto são temas recorrentes no trabalho de Teófilo Rego. É desta forma que encontramos no seu Arquivo numerosas provas em papel e negativos da Praça D. João I que documentam este espaço urbano. Teófilo Rego não o aborda apenas ao nível da rua; interessa-se pelo espaço público e pela arquitectura, explorando diferentes pontos de vista, diferentes lentes e até novos enquadramentos sobre os negativos realizados.

Esta mesma Praça é ainda motivo para tomadas de vista ao fim do dia e à noite numa procura de imagens que, a preto e branco, realcem os ambientes lumínicos. Nelas, Teófilo Rego revela uma Praça diferente, criada pela iluminação pública, pelos anúncios luminosos e pela vida nocturna; uma Praça transformada pelo contraste das sombras e das luzes nas fachadas dos edifícios.

Por estas e outras provas e negativos existentes no Arquivo de Teófilo Rego, apresentando marcas manuscritas e máscaras, podemos perceber o quanto era normal no seu trabalho laboratorial a manipulação dos negativos, o recorte ou reenquadramento das tomadas de vista e a alteração localizada de tonalidades nas provas que realizava. Marques Abreu (1879-1958)<sup>7</sup>, editor, gravador e fotógrafo especializado na fotografia de arquitectura, com quem Teófilo Rego iniciou a sua vida de trabalho, “não manipulava negativos ou positivos, mas mascarava-os só quando as necessidades da fotogravura o aconselhavam. Os originais deviam ser respeitados, embora os pudesse reenquadrar, ou recortar, consoante a moldura da publicação”<sup>8</sup>. Já no processo criativo de Teófilo Rego a escolha e domínio de aspectos técnicos e expressivos, quando da exposição do negativo eram importantes, mas a manipulação de negativos e positivos e a impressão não respeitando a integralidade dos originais era praticada, numa procura de perfeição nos efeitos formais da temática. Outro aspecto importante na sua fotografia é o céu. Elemento de dramatização da imagem, aparentemente surge-nos múltiplas vezes manipulado senão mesmo fruto de um trabalho de recorte e montagem.

Os já referidos três edifícios de Rogério de Azevedo foram também objecto do trabalho de outro grande estúdio fotográfico do Porto. Refiro-me ao trabalho de Domingos Alvão (1872-1946), da *Photographia Alvão*<sup>9</sup>. Representante de uma corrente naturalista/pictoralista, a par de Marques

6. Fundada em 1907 por António Beleza, na Rua de Santa Tereza, n.º 18, Porto.

7. Marques Abreu desenvolveu a sua actividade como editor, gravador e fotógrafo, tendo sido responsável pelo lançamento de publicações profusamente ilustradas, como a colecção de monografias *A Arte em Portugal* (1905 a 1912) ou a revista *Ilustração Moderna* (2ª série, 1926-1938), e álbuns fotográficos na primeira metade do século XX. Dando especial atenção à arquitectura românica, criou um arquivo largamente utilizado pela DGEMN nos seus trabalhos e publicações. A sua obra “representa, cinquenta anos depois da introdução da fototipia e três anos antes da rotogravura, o apogeu da fotozincogravura [ou *similigravura*] em Portugal, e é uma das últimas manifestações da fotografia naturalista/pictoralista de que Domingos Alvão foi mestre.” António Sena – *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997*. Porto: Porto Editora, 1998, p. 230.

8. José Pedro de Aboim Borges – *Marques Abreu: A Fotografia e a Edição Fotográfica na defesa do Património Cultural*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2013, p. 77.

9. Inicia a sua carreira como aprendiz na Casa Biel. Em 1903 funda a *Photographia Alvão*, na Rua de Santa Catarina, n.º 120, Porto. Os seus trabalhos fotográficos são apontados “como imagens de grande beleza e nacionalismo”, reveladores “da beleza e intimismo da ruralidade portuguesa. Os seus levantamentos fotográficos incluem a vertente de paisagem urbana, orientada para as colecções de postais, nomeadamente o Porto”. M. Tereza Siza (coord.) – *O Porto e os seus Fotógrafos*. Porto: Porto Editora, 2001, p. 203.

Abreu, as suas fotos, “permanecendo entre as ambiguidades da luz e a composição da fotografia «de género» [... sem utilizar] a manipulação dos negativos ou dos positivos”<sup>10</sup>, privilegiam os espaços em detrimento dos edifícios, traduzem mais os ambientes urbanos, os espaços vazios e a vivência da rua do que os objectos arquitectónicos que fotografa.

A sequência Edifício Maurício Rialto e o que virá a ser a futura Praça D. João I, Rua Dr. Magalhães Lemos, Av. dos Aliados, Rua Elísio de Melo e Rua do Almada, ainda anterior à abertura da Praça D. Filipa de Lencastre – as demolições só começariam em 1943 –, é testemunho de uma realidade urbana em evolução nos seus aspectos físicos, organizacionais e temporais, havendo nela uma ideia de percurso que é principalmente visual, mas também documental, em que a presença e actividade humanas são praticamente excluídas.

Curiosamente, encontram-se no Arquivo de Teófilo Rego sete provas em papel da construção dos edifícios do Jornal *O Comércio do Porto* e da Garagem. É difícil explicar a sua proveniência e a sua autoria. Sabe-se que de 1925 a 1944 Teófilo Rego trabalhou nas Oficinas do fotógrafo e produtor editorial Marques Abreu, inicialmente como tipógrafo impressor e depois na área da gravura. Só em 1946 monta o seu próprio estúdio fotográfico<sup>11</sup>. Tais provas retratam quatro momentos da construção do Edifício do Jornal *O Comércio do Porto* e o início da edificação da Garagem. São fotos tiradas dos mesmos ângulos que Teófilo Rego utilizaria mais tarde para retratar o Edifício do Jornal, apenas diferindo na posição em altura do observador e onde não se vêem homens a trabalhar ou movimento na rua.

Quanto à prova em papel do Hotel Infante de Sagres, na Praça D. Filipa de Lencastre no Porto, com projecto de 1943 e inaugurado em 1951, Teófilo Rego opta por utilizar, talvez fruto das condicionantes locais, um enquadramento fechado sobre o próprio edifício, um ponto de vista térreo com uma perspectiva muito acentuada e uma hora matinal com a luz quase rasante ao plano de fachada do edifício. Já o trabalho da Fotografia Alvão apresenta um ponto de vista alto enquadrando a nova Praça D. Filipa de Lencastre, ocupada pelas viaturas das companhias de viagem aí instaladas e limitada pelo Hotel Infante de Sagres e pela Garagem de *O Comércio do Porto* e a ligação à Av. dos Aliados através da Rua de Elísio de Melo. Também aqui a diferença de olhares quer sobre a cidade quer sobre os seus edifícios se mantém. De alguma forma, tal como a Praça Filipa de Lencastre é o contraponto urbano à Praça D. João I, também as fotos que Domingos Alvão realizou destes espaços se contrapõem e complementam.

Existem no Arquivo Teófilo Rego fotos de outras obras de Rogério de Azevedo que também faziam parte da exposição. A Fábrica de Vila-Flor, Guimarães, é uma delas. Encontramos três negativos no Arquivo Teófilo Rego que retratam dois pontos de vista opostos do alçado principal do

10. António Sena – *História da Imagem...*, p. 212.

11. O primeiro foi na Rua da Alegria, n.º 482, Porto. Em 1956 mudou-se para a Rua de Santa Catarina, n.º 1583, onde permaneceu até 2001.



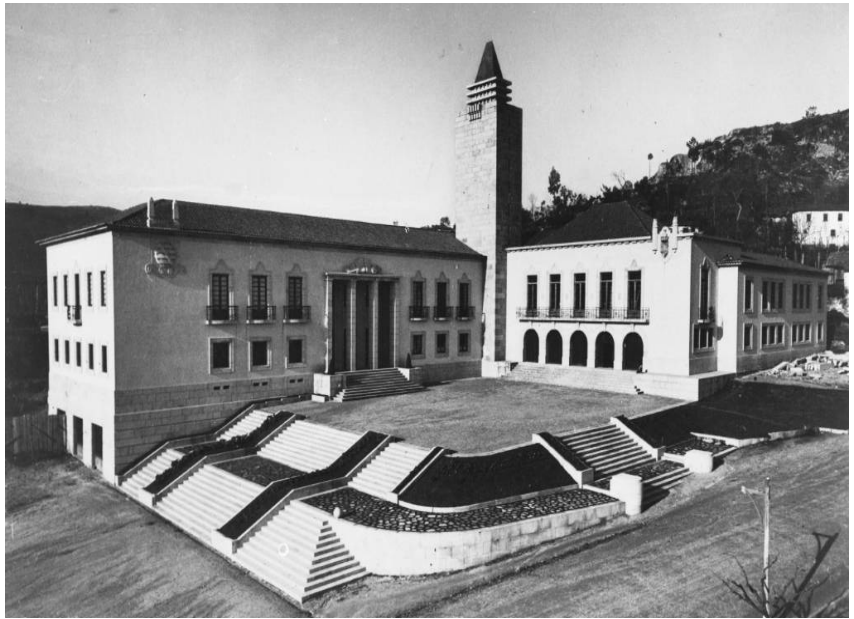
Figura 3. Teófilo Rego. Hotel Infante de Sagres, Porto. Arquivo Teófilo Rego, Museu Casa da Imagem - Fundação Manuel Leão. PT-FML-TR-PES-16-064.

edifício, tirados a horas diferentes do dia. Situada numa rua com um declive relativamente pronunciado, o edifício é marcado por um escalonamento sucessivo de volumes e pelo uso de diferentes materiais numa composição acentuadamente horizontal, aspectos bem enfatizados em ambas as fotografias.

Já quanto ao Abrigo dos Pequenininos, a Creche e Dispensário da Câmara Municipal do Porto na Praça da Alegria, com projecto de 1933, encontra-se um negativo no Arquivo relativo à parte do balneário com piscina numa esplanada virada ao rio. A fotografia assume um ponto de vista ao nível do solo, simétrico da perspectiva desenhada no projecto por Rogério de Azevedo e, tirando partido dos jogos de luz e sombra e das texturas, põe em evidência a relação do construído com os espaços ajardinados, mostrando o equipamento como inserido num parque verde, isolando-o do espaço urbano edificado envolvente.

A Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso é outra das obras seleccionadas. A construção do edifício dos Paços do Concelho e Tribunal teve início em Maio de 1938. No negativo da fotografia de uma prova em papel existente no Arquivo o edifício encontra-se praticamente concluído, mas ainda em obras, não havendo qualquer movimento na imagem. Tirada de um ponto de vista alto, a fotografia do edifício de duas alas articuladas por uma torre assentes numa plataforma num espaço em declive surge-nos como se de uma fotografia de maquete se tratasse, clarificando a ideia arquitectónica, questão a que não é alheio o tratamento dado ao céu. É assim um momento único nesta

Figura 4. Teófilo Rego. Edifício da Câmara Municipal e Tribunal da Póvoa de Lanhoso, c. 1953. Arquivo Teófilo Rego, Museu Casa da Imagem - Fundação Manuel Leão. PT-FML-TR-COM-459-008.



série de fotografias de edifícios. A qualidade da luz no momento em que a foto foi tirada modela exemplarmente todo o conjunto nos seus detalhes.

Por último, quanto aos edifícios cujas fotografias estiveram expostas, só se encontra o negativo da fotografia de uma prova em papel da Pousada de S. Gonçalo, no Marão no Arquivo. Trata-se de uma vista lateral da Pousada, tirada junto à estrada que a circunda. Nela encontram-se evidenciados os materiais e os detalhes do edifício, deixando no entanto perceber a situação privilegiada do mesmo na paisagem em que se insere.

Desta estalagem, profusamente fotografada depois da sua inauguração em 1942, quer por fotógrafos ao serviço do SNI<sup>12</sup>, com o intuito de ilustrar as suas publicações, nomeadamente a revista *Panorama*<sup>13</sup>, quer por autores não identificados, como é o caso da colecção de postais existentes no Espólio Documental Januário Godinho no Arquivo de Fátima Sales, todas as imagens produzidas põem em evidência o lugar em diferentes estações do ano, as características distintivas da sua arquitectura e a qualidade da sua inserção na paisagem.

Tal como já possivelmente havia acontecido com as fotos do Abrigo dos Pequeninos, no Porto, a foto de Teófilo Rego deixa antever a muito provável série fotográfica que terá realizado sobre o edifício, com os exteriores fotografados, a sua implantação no espaço e sua relação com a paisagem circundante evidenciados, de modo a sentir e fazer sentir a relação do edifício com o meio – e nisso se podendo aproximar da abordagem que Mário Novais<sup>14</sup> fez de outras Pousadas do SNI –, não reduzindo o seu trabalho à procura de uma singular imagem síntese da Pousada.

12. Nomeadamente o fotógrafo João Martins, responsável pelas diversas reportagens sobre as Pousadas de Portugal, “levantamento que seria, posteriormente, editado sob o título *Pousadas do SNI* (1948). Muito embora sem qualquer menção à autoria das fotografias que compõem este roteiro, colocamos a hipótese de serem da sua autoria pela existência, no seu espólio, de levantamento rigorosamente idêntico.” Emília Tavares – *A fotografia ideológica de João Martins (1898-1972)*. Porto: Mimesis, 2002, p. 52.

13. *Panorama* – revista portuguesa de arte e turismo, mensal, órgão oficial do SPN/SNI. A revista foi publicada em três séries: a primeira entre 1941 e 1949, a segunda entre 1951 e 1955, a terceira e última entre 1956 e 1973.

14. Mário Novais (1899-1967) iniciou a sua actividade nos anos 20. Em 1933 montou o seu próprio estúdio (Estúdio Novaes) em Lisboa. Tendo sofrido o impacto da obra de Marques Abreu, especializou-se na fotografia de obras de arte e arquitectura, não descurando as outras áreas da fotografia.



Figura 5. Teófilo Rego. Escola Primária do Bairro de Casas Económicas de Ramalde, Porto. Arquivo Teófilo Rego, Museu Casa da Imagem - Fundação Manuel Leão. PT-FML-TR-PES-16-068.

Não se esgota nestes trabalhos o encontro de Teófilo Rego com a obra de Rogério de Azevedo. Outros edifícios nobres da cidade são motivo do seu olhar. É o caso da antiga Faculdade de Medicina do Porto, hoje Instituto Abel Salazar. Na prova de papel existente no Arquivo Teófilo Rego o edifício aparece isolado de todo o contexto adjacente através de um enquadramento fechado sobre o edifício, tal como já tinha feito para o Edifício do Jornal e na Garagem de *O Comércio do Porto*.

A Igreja da Nossa Senhora da Conceição, também no Porto, é outro exemplo<sup>15</sup>. Retratada por diversas vezes, conforme os negativos e provas em papel existentes atestam, é sempre vista de forma mais ou menos frontal, apresentando as diversas fotos cambiantes entre as tomadas de vista, a luz natural e as estações do ano em que ocorrem.

Em todos os trabalhos de Teófilo Rego que tenho vindo a referir sobressai, tal como em Marques Abreu, “o seu especial entendimento da volumetria e do espaço, dos vazios e dos cheios, a detecção dos detalhes e pormenores”<sup>16</sup>, sem no entanto estar confinado à preocupação de uma fotografia de ordem documental conducente aos estudos da arte.

Já de índole diferente é a prova em papel da Escola Primária do Bairro de Casas Económicas de Ramalde. Um instantâneo de uma provável festa ou saída da escola. Construída no final da década de 30 tendo por base um dos projectos-tipo regionalizados desenhado por Rogério de Azevedo em 1933-35 para a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, é constituída por dois edifícios tipo Douro de 4 salas de aula em virtude da

15. Além do Padre Bellot (autor do projecto inicial) trabalharam outros técnicos nesta Igreja como o arquitecto Rogério de Azevedo e os engenheiros José Joaquim Ferreira e Silva, Reis Gonçalves e Joaquim Sarmento. A 18 de Dezembro de 1938 é benzida a 1ª pedra e a 8 de Dezembro de 1947 é consagrada a Igreja. Informação recolhida em IHRU, SIPA, IPA n.º Pt011312120188.

16. José Pedro de Aboim Borges – *Marques Abreu...*, p. 79.

política de separação dos sexos, nisso se diferenciando das restantes escolas primárias construídas no final da década de trinta nos diversos Bairros de Casas Económicas do Porto.

Também importa aqui referir o trabalho comercial de Teófilo Rego. É disso exemplo o postal ilustrado do Passeio Alegre e Palácio Hotel, na Póvoa de Varzim<sup>17</sup>, um pólo de atracção turística virado para o Oceano Atlântico, junto à Praia de Banhos; um espaço de lazer e veraneio das gentes do Porto. Teófilo Rego fotografa o Hotel já depois de profundas alterações no traço do edifício saído do projecto de Rogério de Azevedo em 1932-38 e, à imagem de outros postais e fotos da época ou posteriores à inauguração do Hotel, escolhe um ponto de vista recuado e abrangente, dando assim ênfase ao espaço público pedonal ajardinado e ao contraste de escalas entre as antigas construções de volumetria reduzida características da zona balnear e o edifício do Hotel na extremidade sul da frente urbana do Passeio Alegre.

A exposição constitui o único momento em que talvez seja possível identificar uma relação profissional, se a houve, entre o arquitecto Rogério de Azevedo e o fotógrafo Teófilo Rego. A abordagem que faz à arquitectura de Rogério de Azevedo para a exposição em nada se diferencia da que utiliza para retratar as obras de Marques da Silva ou de qualquer dos seus outros 29 discípulos, duas gerações de arquitectos que já haviam ensaiado uma prática distante do próprio Mestre, “que acauteladamente se aproximara, passo a passo, das notícias do *moderno*”<sup>18</sup>.

Tendo os edifícios projectados por Rogério de Azevedo uma presença assertiva no centro da cidade do Porto, Teófilo Rego no seu trabalho de fotógrafo da cidade nunca deixou de os fotografar, quer tomando-os como o objecto das suas fotografias quer fotografando os espaços urbanos em que tais obras se integram ou mesmo definem. No entanto, na procura de retratar a arquitectura da sua cidade com mestria, quer no uso da luz quer nos pontos de vista e enquadramentos que assume, dá continuidade ao trabalho realizado por Domingos Alvão e Marques Abreu, nunca se deixando contaminar pela fotografia de arquitectura que noutros países então se fazia.

17. Faz parte de uma colecção de 78 postais realizados por Teófilo Rego, entre os anos 70/80, em resposta a uma encomenda do Colégio do Perpétuo Socorro do Porto. Ver a colecção completa em <http://esumpostal.wordpress.com/postais/> (Consultado em 11/11/2014, 18h00).

18. Marques da Silva. *Imagens de uma época*. Porto: Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2005, p. 49.